



Revista Affectio Societatis
Departamento de Psicoanálisis
Universidad de Antioquia
revistaaffectiosocietatis@udea.edu.co
ISSN (versión electrónica): 0123-8884
Colombia

Tipo de documento: Artículo de investigación

2018

Andrea Vilanova, Deborah Tenenbaum & Nuria Malajovich Muñoz
DO GRUPO AO LAÇO: O MAL-ESTAR NA JUVENTUDE E SUAS MODULAÇÕES
Revista Affectio Societatis, Vol. 15, Nº 28, enero-junio de 2018
Art. # 3 (pp. 60-80)
Departamento de Psicoanálisis, Universidad de Antioquia
Medellín, Colombia

DO GRUPO AO LAÇO: O MAL-ESTAR NA JUVENTUDE E SUAS MODULAÇÕES

*Andrea Vilanova*¹

Universidade Federal do Rio de Janeiro
anvnova@gmail.com
ORCID:

*Deborah Tenenbaum*²

Universidade Federal do Rio de Janeiro
debtenen@gmail.com
ORCID:

*Nuria Malajovich Muñoz*³

Universidade Federal do Rio de Janeiro
nuriamalajovich@gmail.com
ORCID:

DOI: 10.17533/udea.affs.v15n28a03

Resumo

O artigo aborda o processo de recepção e ingresso de jovens em sofrimento psíquico em um serviço de atenção em saúde mental para estudantes universitários. Articulando clínica e pesquisa, investigamos a função do coletivo na contemporaneidade. Apresentamos uma estratégia de acolhimento que visa à produção de um trabalho subjetivo

- 1 Doutora em Psicologia Clínica pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-RJ). Supervisora Clínica do Ambulatório Geral e Coordenadora Clínica do Programa de Atenção em Saúde Mental para Estudantes do Instituto de Psiquiatria da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).
- 2 Mestre em Psicanálise e Campo social pela Universidade Paris 7 (Sorbonne Paris Cité). Pesquisadora do Programa de Atenção em Saúde Mental para Estudantes do Instituto de Psiquiatria da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).
- 3 Doutora em Teoria Psicanalítica pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Professora Adjunta e Coordenadora do Programa de Atenção em Saúde Mental para Estudantes do Instituto de Psiquiatria da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).

preliminar como forma de resposta e enfrentamento da emergência diante daquilo que não se coletiviza. A partir de vinhetas clínicas, mostramos, de modo esquemático e não exausti-

vo, o trabalho de localização subjetiva realizado na recepção do serviço.

Palavras-chave: juventude; mal-estar; coletivo; clínica.

DEL GRUPO AL LAZO: EL MALESTAR EN LA JUVENTUD Y SUS MODULACIONES

Resumen

El artículo aborda el proceso de recepción e ingreso de jóvenes en sufrimiento psíquico en un servicio de atención en salud mental para estudiantes universitarios. Articulando clínica e investigación, investigamos la función del colectivo en la contemporaneidad. Presentamos una estrategia de acogimiento que pretende la producción de un trabajo subjetivo

preliminar como forma de respuesta y afrontamiento de la emergencia ante aquello que no se colectiviza. A partir de viñetas clínicas, mostramos, de modo esquemático y no exhaustivo, el trabajo de localización subjetiva realizado en la recepción del servicio.

Palabras clave: juventud, malestar, colectivo, clínica.

FROM GROUP TO BOND: THE DISCONTENT IN YOUTH AND ITS MODULATIONS

Abstract

This paper tackles the reception and admission process of young people with psychic suffering in a mental health care service for university students. By articulating clinic and research, we study the role of the collective in contemporaneity. We present a shelter strategy that aims at the production of a preliminary subjec-

tive work as a form of response and confrontation of the emergency faced with what cannot be collectivized. From some case reports, we present, in a schematic and not exhaustive way, the work of subjective location carried out at the service admission.

Keywords: youth, discontent, collective, clinic.

DU GROUPE AU LIEN : LE MALAISE DANS LA JEUNESSE ET SES MODULATIONS

Résumé

Cet article aborde le processus d'accueil et d'entrée de jeunes en détresse psychique dans un service de santé mentale pour des étudiants universitaires. Nous étudions le rôle de la collectivité dans la contemporanéité, en articulant clinique et recherche. Nous présentons une stratégie d'accueil visant la production d'un travail subjectif préliminaire,

en tant que moyen de réponse et d'affrontement de ce qui n'est pas collectivisé. À partir de vignettes cliniques nous exposons, de manière schématique et non exhaustive, le travail de localisation subjective effectué à l'accueil du service.

Mots-clés: jeunesse, malaise, collectivité, clinique.

Recibido: 15/05/17 • Aprobado: 21/07/17

Introdução

A partir do mal-estar na juventude e da maneira como este é vivenciado na atualidade, isto é, circunscrito na tensão entre o pertencer a um grupo e o fazer-se reconhecer como singularidade, surgem desafios para a condução do trabalho clínico em saúde mental com este público. A direção de trabalho de orientação psicanalítica afasta-se, em seu modo de ação, da perspectiva grupal e de seus fenômenos de cola imaginária, procurando dar lugar à diferença na cena do tratamento. Toda a questão repousa hoje em como realizar essa manobra, de modo a fazer com que a diferença não seja absorvida como ameaça. Diante da irrupção contemporânea de laços sustentados em seu rechaço sistemático, assistimos cada vez mais à **proliferação de** identidades que se forjam e se afirmam a partir de imperativos que, se por um lado, abrigam da solidão, por outro, prescrevem protocolos massivos de conduta. Por essa razão, a construção do laço transferencial com jovens torna-se hoje um desafio, tal como apontam Lacadée (2011) e Viganò (2012). Trata-se de fomentar a construção de laços inclusivos, que tomem a diferença como possibilidade de troca, encontro com o novo. A aderência a semblantes identitários se mostra cada vez mais insuficiente para sustentar o enlace do vivente à existência e lastreia o mal-estar na atualidade, principalmente entre o público jovem. Situar o que se apresenta inicialmente como um pedido de consulta, seja de psicoterapia ou de tratamento medicamentoso, permite justamente verificar o ponto de falência desses semblantes.

A queda do semblante 'universitário' nos serve como ponto de partida para analisar o que condiciona a busca por um serviço de atenção em saúde mental para estudantes de graduação. Diferentemente de um retorno do recalcado, esse desenlace promove uma espécie de retorno no real que se manifesta com a irrupção de fenômenos de angústia e somatizações. No presente artigo, abordamos as particularidades do atendimento a jovens a partir de nossa experiência em um ambulatório de uma universidade **pública brasileira**. O trabalho se dá em uma perspectiva que alia clínica e pesquisa, acompanhando o processo de recepção e ingresso de jovens em sofrimento

psíquico em um serviço de atenção em saúde mental para estudantes universitários. Vale dizer que os pesquisadores têm uma dupla função, ocupando concomitantemente o papel de pesquisador e membro da equipe de cuidado. A análise da função do coletivo na contemporaneidade nos serve como chave de investigação para repensar a ligação ao semelhante e à alteridade, interrogando o que faz laço hoje. O discurso analítico é retomado em sua especificidade e apontado como condição para o estabelecimento de uma parceria que inclui a introdução inevitável da dessemelhança na relação entre pares, justamente em um momento em que a diferença tende a ser mal tolerada, produzindo efeitos de segregação.

Método

O presente artigo é um desdobramento de uma pesquisa sobre a atenção em saúde mental para estudantes universitários desenvolvida em um Instituto de Psiquiatria de uma Universidade brasileira. Trata-se de um estudo descritivo e interpretativo que utiliza abordagem clínico-qualitativa para compreender o mal-estar em estudantes universitários e analisar a experiência clínica e seus efeitos na superação do sofrimento psíquico. De modo a preservar o sigilo, os dados dos participantes foram descaracterizados, bem como modificadas ou excluídas informações que pudessem contribuir para a sua identificação.

A pesquisa clínico-qualitativa é definida por Turato (2003) como uma investigação que busca produzir interpretações sobre o processo saúde-doença, aprofundando o conhecimento sobre o modo como cada sujeito vivencia os fenômenos e lhes atribui sentidos e significações. A pesquisa acontece em um ambiente natural, neste caso, o serviço de atenção em saúde mental para jovens universitários, o que se justifica por envolver um tema complexo e de difícil verbalização, a vivência de sofrimento psíquico. É, além disso, fortemente recomendado que o pesquisador tenha experiência clínica para realizar pesquisas que abordam temas relacionados ao universo subjetivo dos participantes.

Na presente investigação, os pesquisadores assumem a responsabilidade pelo atendimento em saúde mental, ocupando concomitantemente os lugares de pesquisador e profissional responsável pelo cuidado. Os atendimentos foram, inicialmente, registrados pelos pesquisadores/profissionais de saúde mental em um diário de campo. Em um segundo momento, os dados produzidos foram reorganizados a partir de certos significantes-chave, de modo a destacar momentos de virada ou de reorientação subjetiva, além de acompanhar o movimento do sujeito em sua vida e no contexto clínico. Em um terceiro tempo, construímos vinhetas clínicas que apresentam, de modo esquemático e não exaustivo, o trabalho de localização subjetiva realizado na recepção do serviço.

Em pesquisas qualitativas que abordam o contexto do cuidado em saúde mental e que tratam de temas relacionados ao sofrimento psíquico é fundamental a adoção de uma atitude clínica por parte do pesquisador (Turato, 2000; Tillmann-Healy, 2003). O cuidado, engajamento e compromisso com a pessoa estudada ganham o centro da cena, tornando-se também objetos de estudo, o processo assume claramente protagonismo sobre o produto da investigação. O lugar de *bricoleur*, tal como formulado por Lévi-Strauss e retomado por Turato (2000), ilustra o caráter interativo e processual deste tipo de pesquisa, que pode se utilizar de múltiplos métodos de abordagem (como entrevistas, registros de notas, discussões clínicas e observação), toma emprestados conceitos da psicanálise e adota uma postura política, visando, por meio de materiais variados, a produção de um objeto novo que alcance efeitos de transformação.

Do grupo ao laço uma direção de leitura

A psicanálise coloca seus fundamentos a trabalho diante desta conjuntura e, a partir dos pressupostos freudianos acerca da estruturação do aparelho psíquico, nos orienta a considerar que a relação eu-outro é tão problemática quanto fundante para nossa existência. O efeito de extrapolação do imaginário tem como consequência, paradoxalmente, uma fragilização do laço com o outro quando apoiado na ilusão do

espelho, com seu efeito de cola e agressividade. O laço tende a sustentar-se, por um lado, na semelhança, a partir de signos da cultura, em torno dos quais se orientam modos de satisfação compartilhados. Por outro lado, a sustentação do laço carece de suporte identificatório, no sentido do apoio simbólico, diante do qual caberia o trabalho de subjetivação das insígnias recebidas do Outro, hoje revelado em sua inconsistência.

Mas, como correlacionar o que se passa tanto ao nível do sujeito, da experiência singular de cada um, sem deixar de recolher os efeitos decorrentes do fato de que não há um sem o outro? O que nos enlaça uns aos outros? Cada sujeito se engancha na existência, a partir do semelhante, a partir dos investimentos que se enlaçam em diversos níveis da trama das relações. Partimos da proposição de que, para tocar naquilo que é mais singular, é preciso ler o que em nós se enlaça ao outro, quer seja horizontalmente, quer seja através daqueles que ocupam para nós a função de alteridade.

A exacerbação desses fenômenos na cultura não deixa de fora o que a clínica dá testemunho. Aqueles que buscam ajuda para lidar com o mal-estar de suas existências nos dão testemunho dos efeitos de toda essa turbulência no mais íntimo de seu sofrimento.

Os conceitos de *inconsciente* e *sintoma* formulados por Freud são fundamentais para pensar uma lógica coletiva com contornos específicos, distinta de uma sociologia das massas. Destacamos com Freud uma tensão entre o discurso da época e a posição do sujeito, o modo como cada um, a seu modo, responde ao discurso que orienta códigos de comportamento e veicula valores. Temos, portanto, entre o universal do inconsciente e o singular do exercício de cada sujeito, ou seja, o modo como cada um encontra seu modo de satisfação, seu modo de regulação.

A hipótese do inconsciente traz para o primeiro plano de nosso funcionamento psíquico uma dimensão que opera de modo a sobre-determinar nosso comportamento, colocando-nos às voltas com experiências que nos ultrapassam. A dimensão narcísica constitutiva

(Freud, 1914/2007) permite destacar um eixo de problematização do que interrogamos como laço, perguntando: o que faz laço? A dimensão narcísica é desenvolvida por Freud a partir dos investimentos libidinais dirigidos à imagem de si, apoiada na imagem unificada que o corpo nos oferece, na presença do outro. Mas a imagem unificada não é isoladamente a base do processo de egoicização. O modo como a esta imagem vem agregar-se àquilo que consiste como marca, como herança, na transmissão das imagens que se amalgamam **à superfície da imagem, deixa** fissuras necessárias ao movimento de báscula que o sujeito faz entre o eu ideal e o ideal do eu, nunca exatamente ao seu alcance. Poderíamos dizer que se trata de um certo vir-a-ser que constitui a margem de liberdade frente às determinações que nos antecedem e com as quais cada um de nós compõe aquilo que é sem ser de todo, inteiro, acabado.

Como outro para si mesmo, o sujeito não se reduz ao eu e mantém a distância necessária para não se confundir com aqueles de quem extrai suas referências primordiais. O humano, desde seu nascimento, estabelece com o semelhante uma relação de dependência como único modo de garantir sua própria existência. E isso não é sem consequências para a montagem do aparelho psíquico. Sabemos que, se por um lado, essa dependência é intrínseca, pois deixado a sua própria sorte, o bebê humano morreria, não é capaz de sobreviver sozinho, por outro, essa condição pede algum tipo de modulação, afinal deixado à revelia de tal dependência nenhuma possibilidade de subjetivação seria possível, seria apenas uma extensão desse semelhante.

Com a elaboração do complexo de Édipo, Freud concebe uma montagem que demonstra que não bastam dois, é preciso ao menos três para que sejamos alguém. Do mito, são extraídas coordenadas que nos informam que a subjetividade é uma dinâmica de planos justapostos de eventos que não operam ao modo de acréscimo, ou desenvolvimento. A temporalidade em jogo não corresponde a uma cronologia: podemos avançar e recuar no tempo, reencontrando sempre no *infantil*, as balizas de nosso fundamento subjetivo, sobre o qual depositamos novas experiências e renovamos o que somos.

Freud (1921/2007) recorre à análise da massa na tentativa de avançar em sua pesquisa sobre o funcionamento do sujeito e do inconsciente, retomando a questão fundamental do *social* a partir da constatação de que os sujeitos são sobretudo seres sociais. O autor recorre às origens do comportamento social e a elementos intrínsecos à dinâmica dos grupos sociais com o objetivo de investigar a gênese da neurose e promover elementos para uma leitura do sintoma que não está desvinculado de traços da cultura de seu tempo.

Em alguns textos, Freud demonstra especialmente como sua hipótese do inconsciente contém incidências referidas a questões extraídas de suas incursões no social. Ao construir sua teoria do inconsciente, Freud não o faz sem desenvolver uma importante discussão acerca do funcionamento das massas, dos grupos, da família – um coletivo específico, que pode ser circunscrito pelas funções que os semelhantes exercem na vida de cada um de nós, sobretudo, a partir dos laços primitivos que nos enlaçam à própria vida.

Podemos situar a entrada de Freud na questão do coletivo em 1908, com seu texto sobre a Moral sexual civilizada e doença nervosa moderna (Freud, 1908/2007). Freud escreve este texto em um momento específico onde há um discurso social que questiona o progresso moderno. A questão que se coloca neste momento é de saber por que os avanços modernos são acompanhados de um aumento da “doença nervosa”. A doença em questão é a neurastenia, uma primeira forma clínica que nos apresenta sua gênese nos termos de um desequilíbrio do indivíduo frente às exigências da cultura. Freud, então, se posiciona diante do discurso social-psiquiátrico existente: começa fazendo uma antologia das posições dos psiquiatras, apontando para a falta de uma explicação que justifique a irrupção desta “doença”.

Ao lançar mão das psiconeuroses de defesa, em detrimento da neurastenia, Freud introduz uma nova perspectiva neste campo entre o individual e o social. Trata-se agora de uma patologia relativa a uma tensão entre o *sexual* e a *cultura*, e não mais de uma doença dos nervos. As psiconeuroses evidenciam a própria tensão entre cultura e pulsão na medida em que interpelam um determinado ideal cultural.

A clínica permite que Freud identifique um certo antagonismo entre as pulsões que constituem os sujeitos e as exigências da civilização. Mas, como nos dirá, trata-se de um antagonismo intrínseco e que, portanto, vai requerer modos de defesa para lidar com ele.

Em *Totem e Tabu* (Freud, 1913/2007) Freud se aprofunda em seu estudo sobre a problemática da civilização, desta vez pensando sobre a origem da cultura. A tese fundamental que acompanha o texto é de que a cultura tem sua fonte em uma repressão pulsional originária, repressão que deve ser conectada à morte do Pai.

A experiência clínica do autor permite formular a hipótese do mito da horda primitiva: uma história que começa com um pai vivo, castrador, e que termina com seu assassinato — evento pré-histórico que resulta no laço social. A união dos excluídos para matar o pai configura o ato fundador do laço social. O mito da morte do pai revela a passagem de uma ligação biológica para uma ligação social-cultural entre os homens, a partir da constituição do fantasma da morte do pai, de sua assunção a uma função simbólica. É no sentido de compreender a fundação do sujeito que uma aproximação entre inconsciente e coletivo se faz necessária.

Se Freud situa o momento do assassinato do pai como evento pré-histórico que resulta no laço social, quais seriam os efeitos de retorno deste ato? Como os sujeitos se socializam no *après coup* da morte do pai?

Freud (1921/2007) se dedica a pensar o funcionamento efetivo do social pela via das instituições e das massas. Seu objetivo é verificar de que forma o social se organiza em função do fantasma da morte do pai, como este fantasma aparece na organização social massificada. E ainda, como a identificação fantasmática atravessará os laços entre os sujeitos?

Trata-se de localizar a maneira como cada sujeito se engaja psicologicamente na massa. Como ocorre que um sujeito se agrupe e o que acontece com ele quando está em grupo? Quais são as condições

inconscientes para o estabelecimento dos laços sociais? O fenômeno da identificação aparece como fundamental para entender os modos de enlace do sujeito ao outro, sustentado por determinações inconscientes.

Freud apresenta a identificação em três tempos: tempos de constituição do eu que estão também no cerne do funcionamento dos grupos. O primeiro tempo da identificação refere-se ao pai como aquele que a criança desejaria ser. Tomando-o como exemplo, temos a origem da função do ideal. Este primeiro tempo provém do discurso e é solo para as identificações que virão depois. O laço apoiado na identificação é o que possibilitará a inscrição do sujeito numa coletividade.

Introduzindo a teoria da identificação na discussão, Freud chega a uma definição específica da massa: trata-se de uma soma de indivíduos que colocaram um só e mesmo objeto no lugar de seu ideal do eu, tendo como consequência sentirem-se identificados uns com os outros. Ao integrar a massa os sujeitos renunciam ao caráter singular do ideal do eu para substituí-lo pelo ideal comum. No que se refere ao eu, estão todos identificados com Um: precisamente o líder, que encarna a figura do pai morto, que ganha versões diversas segundo os propósitos aos quais os agrupamentos se engajam, fazendo todos os outros irmãos.

Se, por um lado, podemos reconhecer na massa freudiana os princípios da massa, lida social ou antropológicamente, tendo na identificação ao pai da horda seu traço, por outro, Freud também nos deixou às voltas com os embaraços do narcisismo que atravancam a leitura de uma suposta tendência a fazer grupo, relacionar-se. A unidade narcísica que faz repercutir o circuito pulsional que tem no corpo próprio a fonte e o destino da satisfação estaria fadada a autofagia se a existência não dependesse do paradoxo que em Freud se apresenta nos termos da dualidade pulsional. Eros e Thanatos realizam o vivo que se faz como um, mas não sem o outro, mas na medida em que a linguagem baliza e determina o que chamamos vida e o que a excede, descompleta, convocando às invenções necessárias para habitá-la.

Lacan, em sua releitura de Freud, escreve o inconsciente em sua estrutura de linguagem, que promove uma logificação dos efeitos da linguagem sobre o vivo: de um lado o grande Outro e de outro, o pequeno *a*, aquilo que resta fora linguagem, mas não sem ela. É **isso que** dá ao sujeito seu estatuto de acontecimento, resposta, singularidade vivida. Como desenvolve Lacan nas versões do seu esquema ótico, desde sua primeira elaboração em 1949 (Lacan, 1949/2008), com a concepção do estádio do espelho como formador do eu, onde já nos adverte que se trata de uma matriz simbólica para pensar a experiência de subjetivação e destaca o júbilo diante da imagem no espelho como uma marca dessa dimensão pulsional, do vivo do corpo.

De modo algum poderíamos reduzir os efeitos da presença do semelhante aos seus efeitos imaginários. Como podemos ler em um texto anterior, de 1936, também dos Escritos, Lacan desenvolve toda uma problemática relativa ao eixo imaginário que, se por um lado compõe a formação do eu, por outro, não deixa espaço para diferenciação eu-outro, como podemos verificar nos fenômenos de transitiuismo e na agressividade.

A perspectiva de cruzamento dos espelhos, como Lacan desenvolve nas versões do esquema ótico, os eixos imaginário e simbólico colocam em evidência que para Lacan essa operação deixa um resto. Há uma hiância que se interpõe entre eu e outro, mas apenas se a incidência do simbólico vigorar. Do ideal referido ao falo, já presente em Freud, como apontamos, ao que em Lacan ganha os contornos de objeto inédito, estamos num plano de subversão da pura e simples ligação imaginária ao semelhante. Cabe ressaltar que, se podemos afirmar o objeto pequeno *a* como o elemento paradigmático do limite do retorno de Lacan a Freud, também podemos tomar este elemento peculiar como uma matriz de leitura que nos orientará quanto à passagem proposta, da massa ao coletivo, através da indagação sobre o que faz laço.

A partir da analogia freudiana entre os funcionamentos singular e de grupo, Lacan fornece novos elementos teóricos que permitem pensar estas relações nos termos de uma lógica, do sujeito e coletiva.

Ao final da Segunda Guerra Mundial, após a derrota do nazismo, Lacan examina as relações do indivíduo com o Outro, a partir de uma reflexão sobre a causalidade psíquica, fazendo aparecer o laço de causa como *categoria lógica* (Laurent, 2007).

A forma lógica da *suspeita*, apresentada em Formulações sobre a causalidade psíquica (Lacan, 1946/2008) se definiria propriamente como o primeiro nível da lógica coletiva, onde se definem as relações do indivíduo no conjunto, antes que se constitua a classe — antes que o indivíduo seja especificado. Este nível se desenvolve em um segundo tempo, que seria exatamente o da lógica do sujeito, constituído pelo *tempo lógico*, no qual o sujeito vem a especificar-se no sentido da identificação.

O tempo lógico é extraído a partir de um problema apresentado por Lacan (1945/2008), onde três prisioneiros buscam pela liberdade. O diretor da prisão conferirá liberdade àquele que, entre três prisioneiros, for capaz de dizer a cor do disco colado em suas costas, fora de seu campo de visão. Visando o atributo ignorado do sujeito, o instante de olhar, — uma das modulações do tempo destacadas por Lacan — introduz a forma que se cristalizará, em um segundo momento, como hipótese (Lacan, 1945/2008). Isso porque, antes de dar início ao jogo, o diretor apresentara aos três prisioneiros o total de cinco discos, três brancos e dois pretos, dentre os quais destinaria um disco a cada prisioneiro. Desta forma, cada um vê a cor do disco do outro, mas ignora o seu próprio disco, o que faz do instante de olhar o momento no qual o sujeito estabelece algum critério para que se delineie uma hipótese sobre o seu atributo ignorado.

Trata-se de um problema lógico que situa a questão do tempo no fundamento de uma lógica coletiva. Da solução do problema dos três prisioneiros, Lacan extrai as três instâncias do tempo que se inscrevem no processo lógico rumo à conclusão.

O tempo para compreender é a modulação do tempo que designa a duração suficiente para que o sujeito articule a inércia dos seus semelhantes à chave do seu problema, abrindo a via que leva à sua

conclusão. Sendo brancos os dois discos vistos pelo sujeito e, permanecendo os dois outros prisioneiros sem a conclusão do problema, o sujeito, então, conclui também ser branco. O momento de concluir, portanto, é a modulação do tempo que se caracteriza pela pressa com a qual o sujeito realiza a “asserção sobre si”, “ato que manifesta aos outros que o sujeito concluiu” (Lacan, 1945/2008, p.206).

Do pai da horda ao que hoje se experimenta em termos de desaparecimento da tradição, perda de balizas de orientação comum, Lacan nos indica um deslocamento. A perspectiva da identificação não o acompanha em sua leitura da massa tomada como coletivo, tal como nos apresenta no apólogo dos três prisioneiros, onde trata-se não do que aproxima, mas o que distingue radicalmente. No apólogo dos três prisioneiros, onde o sujeito distinto do ser, só se extrai no ato, Lacan introduz uma perspectiva de leitura que nos conduziria por outro viés, diferente da identificação ao traço unário, sustentado nas insígnias advindas do Outro, como elaborado pela perspectiva da massa freudiana.

Se a diferença é estabelecida por Lacan a partir do registro do simbólico, o Um da diferença, não será nos termos do simbólico como ordem simbólica, hierarquicamente estabelecida incidindo sobre os demais registros. A leitura de Lacan permite centrar a investigação no que é essencialmente singular para cada um e que vai nos permitir atualizar as coordenadas da experiência psicanalítica hoje. A orientação ao real, marca do esforço de Lacan para distinguir e transmitir os registros que compõe a realidade, inaugurada após um longo percurso que tem na elaboração do objeto pequeno *a* nos anos 60 seu momento de entrada (Vilanova, 2016). A partir da teorização sobre o gozo, a singularidade passa a ser circunscrita como não intercambiável, impossível de compartilhar.

Vemos com Lacan que o fundamento do sujeito é o desconhecimento daquilo que o determina, no ponto de junção e disjunção com a posição de objeto que ocupa para o outro. Sem perder de vista, portanto, a dimensão de uma coletivização intrínseca à existência, com Lacan nos orientamos exatamente por aquilo que nos diferencia, pelo

modo singular que delinea o circuito através do qual se inscreve o que se é sendo, fazendo, vivendo.

A psicanálise funda e instrumentaliza o manejo de um novo laço ao propor um discurso que dá lugar de sujeito àquele que sofre, convocando-o a uma posição ativa frente aos impasses que vivencia. E mais ainda, faz da identificação àquilo que poderíamos chamar de fundamentos de uma existência singular, a bússola para nossa orientação de trabalho. Considerando o deslocamento que Lacan promove ao introduzir na leitura da identificação a hiância representada pelo objeto *a*, gostaríamos de ressaltar a fundamental importância que isto coloca para a elaboração do que se passa no encontro com um analista. Pois o analista institui um discurso específico, que inaugura um lugar para a diferença enquanto expressão singular do sujeito. Neste dispositivo surge um novo modo de laço através da fala.

Trata-se de um tema que não aprofundaremos conceitualmente aqui, no entanto, as vinhetas clínica a seguir darão testemunho de sua função para os efeitos alcançados na experiência clínica em questão neste trabalho.

Dos ditos ao laço: o trabalho na recepção em saúde mental para estudantes universitários

Desde o primeiro mês de implantação do serviço, percebemos que muitos jovens chegam dando testemunho de um mal-estar extremo que, após alguns encontros, tende a se dissolver. Esta constatação nos fez refletir sobre o modo de entrada no tratamento e sobre a necessidade de destacar o trabalho de recepção, conferindo um novo ritmo ao trabalho. Este dado, a rapidez do desaparecimento do sofrimento psíquico agudo, corresponde àquilo que alguns autores têm abordado em termos de urgência subjetiva. Estaríamos, então, às voltas com a manifestação do sofrimento que responde à subjetividade da época: imediatismo de respostas e proliferação de ofertas paliativas para o mal-estar; e, por outro lado, o seu manejo permitiria a emergência do próprio sujeito a partir de manobras precisas, produzindo, assim,

efeitos de localização subjetiva. Sotelo (2007; 2015) desenvolve um interessante trabalho de pesquisa clínica que analisa o acolhimento da urgência em hospitais, advertindo para a importância de levar a manifestação de urgência em consideração lhe dando um lugar preciso, de modo a não responder apressadamente com intervenções desnecessárias ou com indicações protocolares de tratamento.

Em nossa experiência, constatamos que a insuportabilidade, muito mais do que um apelo desesperado, costuma revelar a convivência incômoda com uma inércia que desgasta, sinalizando uma dificuldade de transformação, de realização em ato de algo que venha alterar as coordenadas simbólicas do jovem em sofrimento e apontar para uma nova via. Tendo em vista essa peculiaridade, decidimos criar uma suspensão na resposta terapêutica inaugurando um dispositivo de recepção ampliada, ou seja, de um acolhimento que se faz em até oito encontros, antes de realizar um encaminhamento para tratamento, nos moldes reconhecidos de acompanhamento clínico. Isso nos permitiu ganhar tempo para avaliar, a cada caso, se a expressão de um mal-estar intenso testemunhava mais sobre uma forma extrema de narrar e vivenciar o sofrimento, do que como uma marca de que este teria atingido seu ponto máximo, evidenciando rupturas ou situações de grave risco psicossocial.

Esse trabalho se mostrou extremamente frutífero no caso de G., estudante que dizia sofrer de pânico e depressão, razão pela qual apresentava sérias dificuldades nos estudos, e um uso descontrolado de medicação psiquiátrica. O trabalho de recepção teve como objetivo operar um deslocamento mínimo do lugar de vítima que o paralisa, levando-o a abandonar o uso de medicação e a se surpreender com seus ditos. Diante da constatação de “seu problema com a norma e a autoridade”, o estudante esboça um sorriso, marca que sinaliza um deslocamento de posição subjetiva. O desafio de condução do tratamento se centra na passagem à responsabilização, tomando o devido cuidado para que o estudante não recaia novamente no lugar passivo de sofredor desimplicado ou se submerja em uma culpabilização excessiva, reproduzindo o julgamento paterno. Optar por marcações semanais, sem horário pré-fixado, faz com que este sujeito possa re-

correr ao dispositivo de um modo “que não é desnecessário”, solução que ilumina uma parte de verdade de seu sintoma: ao se precaver pela negativa, toma certa distância do Outro. Recolher esta solução e levá-la em conta introduz uma aposta: de que o sujeito possa vir a consentir, mesmo que quase sem querer, a se colocar a trabalho.

A criação desta estratégia de acolhimento visa à abertura de um lugar de produção de trabalho subjetivo preliminar como forma de resposta e enfrentamento da emergência diante daquilo que não se coletiviza. A oferta de um lugar dinâmico, de pronto-atendimento, é importante para a flexibilização e descompactação do tempo, respeitando o modo urgente de apresentação daquilo que pode vir a fazer sintoma. Isso significa que a pressa em se livrar do sofrimento deve ser considerada e acolhida, sem, no entanto, ser atendida.

Um jovem chega à recepção após passagem por uma emergência psiquiátrica. M. apresentava sintomas de angústia extrema, trazendo no corpo lesões auto-infringidas. A recepção do caso se deu em interconsultas com psicóloga e residente de psiquiatria, uma estratégia de contenção subjetiva, pois diante daquele sofrimento, nem havia a prevalência de uma abordagem medicamentosa (vale destacar que ele já vinha medicado do serviço de emergência), nem um forçamento em direção a alguma elaboração, visto sua fragilidade. O dispositivo favoreceu uma movimentação espontânea do jovem que, surpreendendo-se por ser “atendido pela dupla”, não hesitou em abrir-se a um endereçamento ao “casal” dedicado aos seus cuidados, ainda que isto não representasse imediatamente uma abertura a um tratamento. A contingência favoreceu a emergência de uma problemática muito peculiar em torno da questão da filiação. Trata-se de uma abertura que promoveu um deslocamento da emergência psiquiátrica à emergência do sujeito.

As marcações são sensíveis à essa aceleração do tempo, podendo aumentar ou diminuir conforme a possibilidade e a impossibilidade de cada um. A oferta de um estilo de presença (que acolhe, mas não responde à urgência) é compartilhado pela equipe, podendo se constituir múltiplas referências para um caso, em uma lógica de resposta coletiva.

Outra estudante precisou ser recebida em equipe multiprofissional, diante da gravidade de seu quadro e da presença de ideação suicida. Devastada diante de obrigações que não conseguia cumprir, P. se encontrava colada ao significativo materno, apresentando-se como encarnação do fracasso, sem saída ou perspectiva futura. Tinha abandonado seu período letivo, não via saída para sua vida. Encontros regulares com intervalos curtos foram agendados. A recepção teve como direção de trabalho desenrolar a trama de acontecimentos que determinaram sua dificuldade e que remetiam à sua história familiar. Desfazendo-se essa identificação, a jovem se vê liberada para retomar a vida e reorientar seus estudos, optando por uma área de conhecimento em conexão com aquilo que havia se constituído como ponto de impasse.

O laço transferencial pode fornecer uma ancoragem importante, como mostra Biagi-Chai (2016), para uma juventude em suspensão, privada da suposição de saber em relação a pais e adultos. A autora localiza uma tendência nos jovens em considerar o sofrimento em um campo exterior, perspectiva que pode complicar a constituição de um endereçamento ao Outro e, portanto, a via da transferência. Interrogar o que pode haver de sintomático na falta de sintoma é uma direção que não supõe de entrada um destinatário, mas aposta na existência de algo a ser lido. A interlocução com os estudantes repercute então numa questão de base: como acusar recebimento hoje? Um deslocamento do discurso universitário para o discurso analítico parece necessário para estas questões emergem no sentido de um trabalho possível.

É com base na aposta de que a urgência encontra, ao menos, duas faces, ou seja, duas modalizações, a das manifestações de angústia, sem sujeito e a da emergência possível de um sujeito, que apostamos nos efeitos do discurso analítico. Destacamos aqui que não se trata de tomar o dispositivo na duração de um tratamento, mas nos efeitos desse discurso encarnado pela presença de um analista. A introdução de uma presença regulada e devidamente orientada instaura uma prática discursiva que pode servir como forma de enfrentamento do desassossego e da solidão diante da falta de uma resposta coletiva,

universalizável. Presença advertida que acusa recebimento sem acosar ou forçar uma resposta antes da hora.

A proposta de recepção ampliada surge como estratégia de trabalho com aquilo que tende a ser considerado problema, a não aderência ao tratamento não sendo vista como resistência, mas como elemento analisador da oferta. A tomada imediata em tratamento é uma antecipação que fecha o trabalho e pode produzir repetição automática. No caso de F., o trabalho de recepção serviu para contraindicar momentaneamente a passagem para um tratamento, pois entraria em um circuito de manutenção de um modo de gozo que o desimplicaria em relação ao mal-estar. Renunciar a ideia de que todos devem se submeter a um tratamento é o ponto de partida para a aproximação daquilo que a psicanálise pode promover no sentido ético de seus fundamentos.

A coletivização em torno da categoria 'estudante universitário' tem papel importante nos arranjos que os jovens compõem para a sustentação nesse universo, a procura por uma consulta ocorre muitas vezes quando o apoio nessa nomeação vacila. De fato, há um ponto que se coloca de maneira diferente a cada vez, mas que é comum a todos: a impossibilidade fazer Um com o outro. Quando isso ocorre, o grupo, a parceria amorosa, em suas diversas versões, se abala.

Os jovens que nos procuram chegam com uma expectativa muito forte de restabelecimento de suas bases identificatórias, querendo uma reconstituição rápida de um modo prévio de funcionamento. Há pressa em retomar a ordem anterior das coisas, o que promove muita agitação, apelo, procura por soluções rápidas, movimento que aparece na contramão de um trabalho subjetivo entendido como prática discursiva que desloca o sujeito de uma determinada posição e provoca uma reformulação de sua história. Dito isso, como podemos operar clinicamente considerando a impossibilidade de assimilação de um resto que resiste à inclusão, mas que pode, por isso mesmo, introduzir uma via de construção de formas inusitadas de fazer laço com o outro?

Muitos jovens expressam a expectativa de que a consulta seja realizada por alguém com idade próxima, ou ainda com características raciais, socioeconômicas, culturais ou identitárias semelhantes. Justificam o pedido pelo desejo de serem compreendidos, como se só o mesmo pudesse agir sobre o mesmo, tal como aponta Miller (2006). Hoje as bandeiras políticas se confundem com modos de existência e isolam cada vez mais os sujeitos em lugar de os coletivizarem, pois nada, nenhum dos semblantes-bandeira comporta a verdade sobre o ser de cada Um. Interceptando a demanda com ofertas inesperadas, tais como a recusa em oferecer uma prescrição, ou a acolhida em interconsulta com outros colegas, desestabiliza um certo *Status quo* da lógica de uma consulta em um ambulatório universitário.

Referências bibliográficas

- Biagi-Chai, F. (2016). Juventude à deriva <> Radicalização. *Almanaque: Revista eletrônica do Instituto de Psicanálise e Saúde Mental de Minas Gerais*, 17. Recuperado em <http://almanaquepsicanalise.com.br/juventude-a-deriva-radicalizacao/>
- Freud, S. (1908/2007). La moral sexual cultural y la nerviosidad moderna. Em J. Strachey (Ed.) e J.L. Etcheverry e L. Wolfson (Trads.). *Obras Completas*. (Vol. ix). Buenos Aires, Argentina: Amorrortu.
- Freud, S. (1913/2007). Tótem y tabú. Algunas concordancias en la vida anímica de los salvajes y de los neuróticos. Em J. Strachey (Ed.) e J.L. Etcheverry e L. Wolfson (Trads.). *Obras Completas*. (Vol. xiii). Buenos Aires, Argentina: Amorrortu.
- Freud, S. (1914/2007). Introducción del narcisismo. Em J. Strachey (Ed.) e J.L. Etcheverry e L. Wolfson (Trads.). *Obras Completas*. (Vol. xiv). Buenos Aires, Argentina: Amorrortu.
- Freud, S. (1921/2007). Psicología de las masas y análisis del yo. Em J. Strachey (Ed.) e J.L. Etcheverry e L. Wolfson (Trads.). *Obras Completas*. (Vol. xviii). Buenos Aires, Argentina: Amorrortu.
- Miller, J.A. (2006). Gays em análise? *Opção Lacaniana: Revista da Escola Brasileira de Psicanálise*, 47 (Dezembro 2006), 15-22.
- Lacadée, P. (2011). *Ensinaamentos psicanalíticos da mais delicada das transições, a adolescência*. Rio de Janeiro, Brasil: Contra Capa.
- Lacan, J. (1936/2008). De nossos antecedentes. Em *Escritos* (pp.69-76). Rio de Janeiro, Brasil: Jorge Zahar Ed.

- Lacan, J. (1945/2008). O tempo lógico e a asserção de certeza antecipada. Em *Escritos* (pp.197-213). Rio de Janeiro, Brasil: Jorge Zahar Ed.
- Lacan, J. (1946/2008). Formulações sobre a causalidade psíquica. Em *Escritos* (pp.152-194). Rio de Janeiro, Brasil: Jorge Zahar Ed.
- Lacan, J. (1949/2008). O estádio do espelho como formador da função do eu. Em *Escritos* (pp.96-103). Rio de Janeiro, Brasil: Jorge Zahar Ed.
- Laurent, É. (2007). *A sociedade do sintoma: a psicanálise, hoje*. Rio de Janeiro, Brasil: Contra Capa Livraria.
- Sotelo, M. I. (2007). El sujeto en la urgencia institucional. Em *Clínica de la urgencia* (pp.21-58). Buenos Aires, Argentina: JCE Ed.
- Sotelo, M. I. (2015). La propuesta: DATUS. Em *DATUS - Dispositivo Analítico para el tratamiento de Urgencias Subjetivas* (pp.185-176). Buenos Aires, Argentina: Grama Ediciones.
- Tillmann-Healy, L. M. (2003). "Friendship as Method." *Revista Qualitative Inquiry*, 9(5), 729-49. Recuperado em <http://qix.sagepub.com/content/9/5/729>
- Turato, E. R. (2000). Introdução à Metodologia da Pesquisa Clínico-Qualitativa – Definição e Principais Características. *Revista Portuguesa de Psicossomática*, 2(n. 1, jan/jun 2000), 93-108. Porto, Portugal: Sociedade Portuguesa de Psicossomática.
- Turato, E.R. (2003). *Tratado da metodologia da pesquisa clínico-qualitativa: construção teórico-epistemológica, discussão comparada e aplicação nas áreas da saúde de humanas*. Petrópolis, Brasil: Vozes.
- Viganò, C. (2012). Em Alkmin, W.D. (Comp.) *Novas Conferências* (pp.179-197). Belo Horizonte, Brasil: Scriptum livros.
- Vilanova, A. (2016). Uma presença orientada: algumas considerações sobre a prática em nossa época. *Revista Opção Lacaniana online nova série*, 7(n.21, Novembro 2016), 1-11. Recuperado em www.opcaolacanianana.com.br/pdf/numero_21/Uma_presença_orientada.pdf

Para citar este artículo / To cite this article / Pour citer cet article /

Para citar este artigo (APA):

Vilanova, Andrea – Tenenbaum, Deborah - Muñoz, Nuria Malajovich (2018). Do grupo ao laço: o mal-estar na juventude e suas modulações. *Revista Affectio Societatis*, 15(28), páginas 60-80. Medellín, Colombia: Departamento de Psicoanálisis, Universidad de Antioquia. Recuperado de <http://aprendeonline.udea.edu.co/revistas/index.php/affectiosocietatis>